

FACONNECT E A CASA TOMBADA

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
O LIVRO PARA A INFÂNCIA – PROCESSOS  
CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO

# Sobre os fios das narrativas que entrelaçam encontros

A personagem Sherazade como inspiração para a  
mediação de leitura

Renata de Oliveira Moreira

São Paulo, SP  
2022

# Sobre fios das narrativas que entrelaçam encontros

Sherazade como inspiração para a  
mediação de leitura

**RESUMO:** Inspirada na história de Sherazade, que salvou a si e as mulheres de seu povo por meio das narrativas, ensaio sobre as semelhanças e diferenças entre o fazer da sultana e dos mediadores de leitura, tendo como ponto de partida experiências pessoais de mediação de leitura de contos do livro das Mil e Uma Noites, que eternizou esta personagem, em contextos e para públicos diversos.

**PALAVRAS-CHAVE:** As Mil e uma Noites; Sherazade; mediação de leitura; relato de experiência

*À minha mãe, Helena, que me apresentou os livros.*

*À minha filha, Clarice, que me levou  
a redescobri-los com sua chegada.*

## Agradecimentos

Ao meu companheiro, Flávio,  
por sempre estar comigo no barco,  
em busca da ilha desconhecida.

À Raphaela, que acompanhei como tutora de leitura  
no Programa Myra em 2021, por me convidar  
a pensar nosso percurso e, assim,  
me fazer lembrar  
os fios da narrativa.

À Elis Alves Silva, que ao abrir  
as portas da Biblioteca Hans Christian Andersen  
multiplicou os fios das minhas narrativas.

Às coordenadoras Cristiane Rogerio e Camila Feltre  
por esticar o fio das nossas narrativas.

Ao bando da turma 7, por entrelaçar os fios.

Ao Coletivo MiniBando, por fazer os fios entrelaçados  
transbordarem para além d' A Casa-Nuvem.

# Sumário

**Um fio de narrativas 6**

**Sobre viagens, travessias e encontros 10**

**Sobre escolhas 23**

**O que queremos narrar?**

**Um percurso sobre escolhas e possibilidades 27**

**Sobre entrelaçar os fios 44**

**Anexo - Entrevistas 49**

**Referências 65**

# Um fio de narrativas

“Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.”

O Espelho, Machado de Assis

O que são livros se não espelhos? Que nos proporcionam olhar para nós mesmos e nos reconhecer ou estranhar. Aprendi que são também janelas, para mundos outros, lugares tão distantes que poderiam ser aqui e tempos tão longínquos que poderiam ser agora. O começo da minha história com as narrativas tem relação com esta frase que abre minha escrita e que ouvi pela Regina Machado<sup>1</sup>, em seu Paço do Baobá <sup>2</sup>no curso Corpo, Respiração, Palavra: em busca da presença para contar histórias, em 2013.

Tinha ficado interessada em *storytelling* em cursos livres que fiz e logo senti que eu precisava, na verdade, saber de onde é que vinha essa essência, essa substância do ‘contar histórias’ que vai muito além de contar uma história impactante para convencer alguém de comprar algo. Fui buscar os narradores e encontrei a Regina Machado e o Boca do Céu, um encontro internacional de contadores de histórias. Foi um mundo que se abriu, mas de alguma forma não sentia pertencer a ele. Ouvir histórias era - e segue sendo - pura apreciação para mim, mas não no lugar do fazer.

---

<sup>1</sup> Regina Machado é contadora de histórias para adultos e crianças desde 1980. Mestre em Educational Theatre na New York University, com doutoramento na ECA-USP, em 1989. Professora Livre Docente do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP. Autora dos livros *Acordais – Fundamentos Teórico-poéticos da Arte de Contar Histórias*, pela Editora DCL, *O Violino Cigano e Outros Contos de Mulheres Sábias*, pela da Cia das Letras, *A Formiga Aurélia e Outros Jeitos de Ver o Mundo e Nasrudin*, pela Cia das Letrinhas, e *Cláudio Tozzi*, da Série *Mestres das Artes no Brasil*, pela Editora Moderna. É a criadora e curadora do Encontro Internacional BOCA DO CÉU de Contadores de Histórias.

<sup>2</sup> Paço do Baobá é um centro de pesquisa de Arte Narrativa, onde ocorrem ações ligadas às tradições orais do Brasil e do Mundo: cursos, palestras, encontros, apresentações artísticas de narração de contos, música, dança performance e atividades de arte para crianças. É dirigido por Regina Machado e fica no Butantã, na zona oeste de São Paulo.

Descobri que me fascinavam os encontros que as rodas de história proporcionavam e os registros dessas histórias narradas de boca. Foram muitos momentos de suspensão do tempo ao redor de fogueiras imaginárias. Comecei um acervo de livros de tradição oral de vários povos, mas não sabia muito o que fazer com os livros, além de lê-los sozinha.

Até que um dia, muitos anos depois, grávida de algumas semanas peguei “O Conto da Ilha Desconhecida”<sup>3</sup> para ler antes de dormir. Fui tomada por um ímpeto de ler em voz alta, uma vez que já não estava mais sozinha.

Dá-me um barco, disse. O assombro deixou o rei a tal ponto desconcertado, que a mulher da limpeza se apressou a chegar-lhe uma cadeira de palhinha [...] E tu para que queres um barco, pode-se saber, [...] Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem,

O que senti fazendo essa leitura em voz alta foi tão impactante que mudou toda a minha trajetória: de leitura, de pesquisa e de carreira. Tudo que faço hoje começou naquela noite com a minha voz, a entonação das palavras de Saramago para aquela barriga que me enchia de alumbramento e hoje atende pelo nome de Clarice. Daquela noite em diante, passei a ler em voz alta tudo o que via pela frente. O meu acervo passou a ser tomado por livros para a infância de todos os tipos. Barriga e acervo cresciam em velocidade acelerada.

Posso dizer então que minha história como mediadora de leitura começou com Saramago e Clarice. Depois do nascimento, seguimos com as leituras e eu comecei a pesquisar sobre leitura para bebês, literatura para a infância e isso me levou a ser mediadora de leitura do projeto Lê no Ninho <sup>4</sup> na Biblioteca Hans

---

<sup>3</sup> O conto da ilha desconhecida, José Saramago (Editora Companhia das Letras) (pág. 15)

<sup>4</sup> O Lê no Ninho é um programa que tem como objetivo fomentar o gosto pela leitura entre crianças de seis meses a quatro anos. É desenvolvido pela SP Leituras em bibliotecas do estado de São Paulo.

Christian Andersen<sup>5</sup>. Foram dois anos de sessões de leitura para bebês e famílias até a chegada da pandemia do novo coronavírus que, embora tenha nos obrigado a ficar em casa, me proporcionou intensas viagens através dos livros.

O que me intriga nesse trabalho de ser voz para que os livros “falem” está ligado ao que sentia nas rodas de leitura. Que encontros são esses em que como no conto “O Espelho”, de Machado de Assis, quando os ouvintes voltam a si o narrador nem está mais lá?

Uma das minhas experiências como mediadora me fez recorrer à Sherazade, a sultana que salvou a si e a todas as mulheres que viriam depois por meio das suas palavras, das suas narrativas contadas por Mil e Uma Noites ao sultão por séculos.

Seriam os mediadores de leitura ‘sedutores’ de leitores assim como foi Sherazade para o sultão? O que está em jogo no encontro entre um mediador, um livro e um leitor? Essas foram algumas das questões que me instigaram no percurso com as narrativas e que me comoveram a fazer esta escrita para finalizar meus trabalhos da pós-graduação O Livro para a Infância n´A Casa Tombada.

Das muitas vozes que constituíram esse percurso, em busca da relação de Sherazade com a mediação de leitura, das histórias de boca e daquelas que habitam os livros, o que é enfim este trabalho de narrar os livros, para que eles cheguem às crianças?

Yolanda Reyes nos dá uma hipótese:

[...] E me veio à mente uma frase de Toni Morrison: “Em algumas sociedades há pessoas cujo trabalho é recordar”. Então me ocorreu que meu trabalho - nosso trabalho - estava ancorado sobre

---

<sup>5</sup> A Biblioteca Hans Christian Andersen é uma biblioteca pública municipal temática em contos de fadas, localizada no bairro do Tatuapé, na zona leste de São Paulo.



isso: **recordar e dar palavras**. Acompanhar as crianças uma e mil vezes até onde vivem os monstros e olhar para elas fixamente nos olhos amarelos, sem piscar nenhuma vez, como faz Max, o rei de todos os monstros. [...] Sentada em círculo, olhando fixamente nos olhos brilhantes de meu público, me senti aquela bibliotecária do livro de Margaret Mahy ou como a própria Sherazade, [...], ‘tão Sherazade’, tratando de buscar palavras para falar coisas indizíveis; tratando de abrir esses caminhos que foram percorridos pelos artistas até a alma das crianças e que nos levam de volta para a alma de nossa própria infância. Reyes, Yolanda (2022, pg. 86)

# Sobre viagens, travessias e encontros

O ano era 2020. Estávamos vivendo uma realidade não imaginada. Diante da pandemia do novo coronavírus, a recomendação era não sair de casa para evitar o contágio. Uma peste se mostrava à espreita, prestes a contagiar quem por bravura, inconseqüência ou necessidade, sucumbisse ao desejo de sair pelas ruas.

O desejo e o medo caminhavam juntos. A batalha era diária para saber quem venceria. No meu caso, o medo foi o vencedor. Todos os dias, durante longos meses.

Mas o que fazer com o desejo de viver? De ver o mundo pulsando? Fui até a minha estante: o refúgio onde se encontram as respostas para perguntas que sequer imaginava que um dia faria. A saltar bem diante dos meus olhos, um marujo destemido. Ele tinha uma ânsia de desbravar mundos e encarar o desconhecido. Me fez o convite e aceitei.

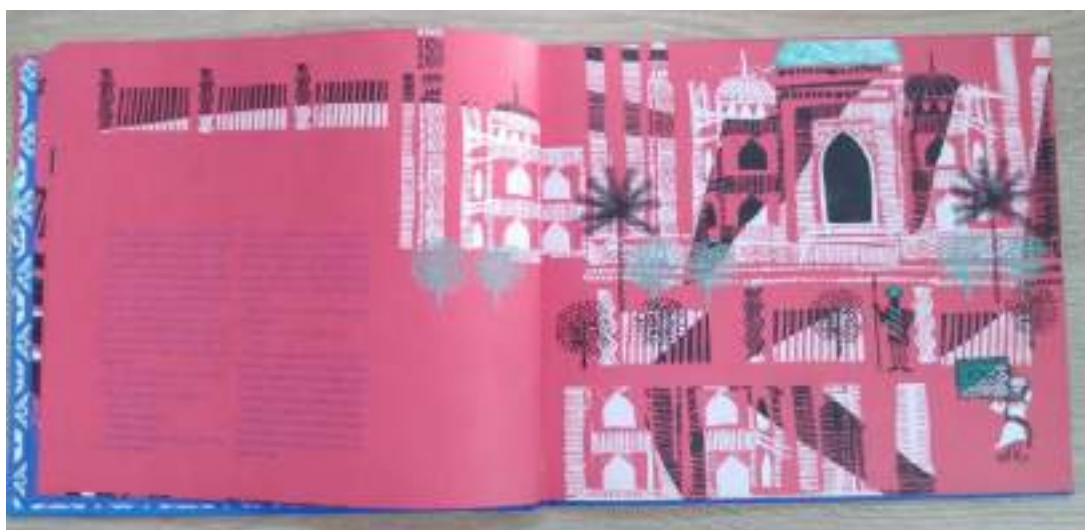


Assim reli Simbá, o marujo, de Stela Barbieri e Fernando Vilela, edição da Cosac Naify. Momentos de suspense entremeados à curiosidade sobre o que motivava

esse marujo a sempre se lançar ao mar apesar de todos os infortúnios que se sucediam em cada uma das sete viagens.

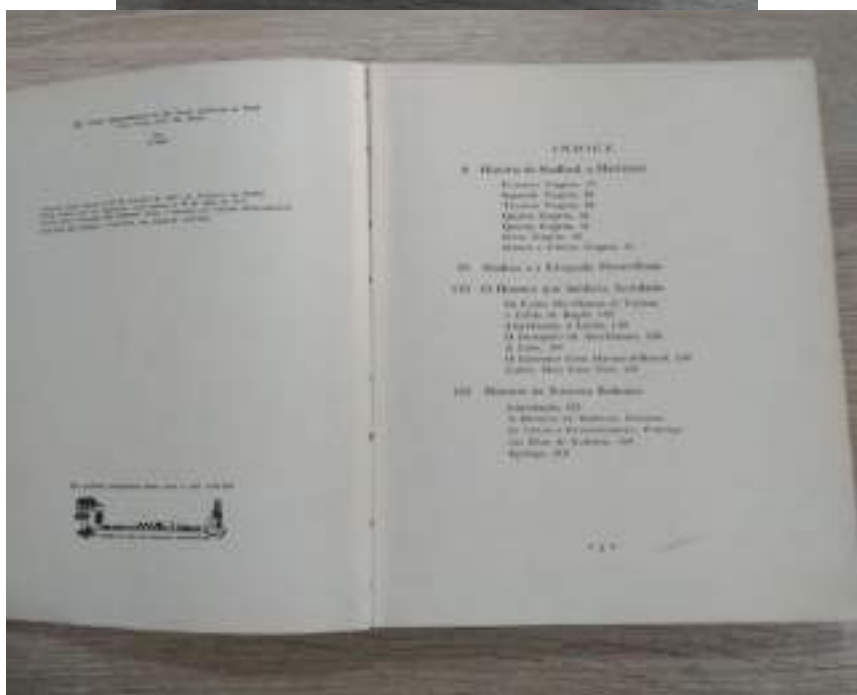
“Cada um de nós vive a trajetória de um herói, encarando desafios e aventuras no decorrer de nossas vidas. Neste livro, você conheceu um herói persistente que – mesmo com todas as tragédias vividas – quer sempre viajar novamente. O que mais me encanta nas viagens de Simbá, o marujo é a garra com que ele vislumbra novas possibilidades para sobreviver. Esta história nasceu na cultura árabe e foi incluída nas várias interpretações e edições pelo mundo d’As mil e uma noites. Para escrever este livro, li mais de trinta versões diferentes. Algumas delas alternaram a narrativa, inventando outras maneiras de contá-la. Optei por me manter o mais próximo possível a versões traduzidas diretamente do árabe, respeitando a essência e a oralidade do original. Escrevi esse texto como se um filme interno se criasse em minha mente, cena após cena. Para enriquecê-lo, me inspirei em pesquisas de livros, filmes e viagens que fiz com Fernando Vilela”

paratexto de Stela Barbieri, autora de Simbá, o marujo



Neste momento, eu ainda não tinha o olhar que tenho hoje para escolhas literárias. Embora eu tivesse outras versões de Simbá comigo, como uma de

herança<sup>6</sup>, que fez parte da infância da minha sogra e me foi dada para compor meu acervo, escolhi a de Stela Barbieri e Fernando Vilela por ser a meu ver a mais interessante. Esse foi o critério.



<sup>6</sup> Esta edição de "Contos das 1001 Noites" não tem ficha catalográfica, então não há como saber sobre autoria, adaptação, tradução. Só restou a informação sobre a editora e o ano de publicação: Melhoramentos, 1965.



Não queria viajar sozinha. Era preciso estar acompanhada para seguir com o marujo. Então propus à Biblioteca Hans Christian Andersen a leitura em capítulos do livro, ao longo de um mês. Assim teríamos todos uma distração em meio ao caos do noticiário. E poderíamos viajar, sem sair de casa.

Todas as terças e quintas do mês de maio de 2020 navegamos com Simbá nas nuvens da Biblioteca Hans Christian Andersen. Eram crianças, mães, avós, tios e tias acompanhando a leitura em capítulos. Além do público habitual da biblioteca, amigas sem filhos que ficaram sabendo da leitura pelas redes sociais começaram a acompanhar.

Um singelo cenário improvisado no quarto da minha filha, sob a guarda dos livros e comecei a emprestar a minha voz para que Simbá narrasse seus feitos e nos tirasse daquela realidade com a qual não estávamos preparados para lidar.



### Primeira viagem

<https://www.facebook.com/bibliotecahans.christianandersen/videos/670440700435661>



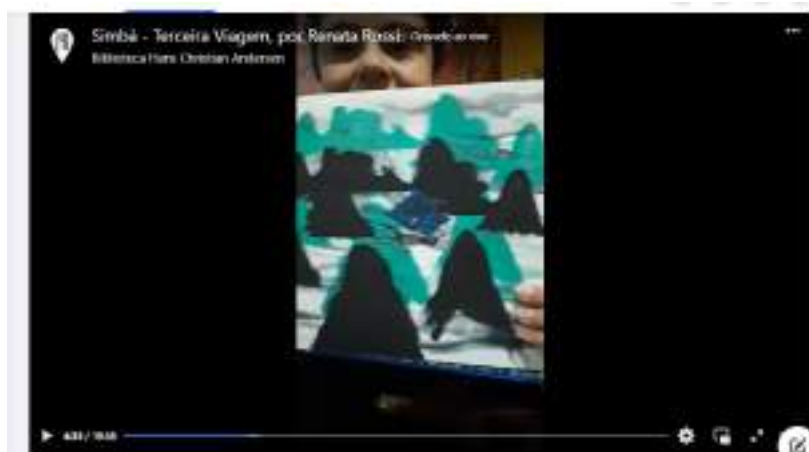
### Segunda viagem

<https://www.facebook.com/bibliotecahans.christianandersen/videos/3180216138705015>



### Terceira viagem

<https://www.facebook.com/bibliotecahans.christianandersen/videos/546130379427010>



### Quarta viagem

<https://www.facebook.com/bibliotecahans.christianandersen/videos/237127494390612>



### Quinta viagem

<https://www.facebook.com/bibliotecahans.christianandersen/videos/2977843135630900>



Sexta viagem

<https://www.facebook.com/bibliotecahans.christianandersen/videos/930036494112331>



Sétima viagem

<https://www.facebook.com/bibliotecahans.christianandersen/videos/878638889303263>



Já tinha experiência em mediar leitura nesta casa que sempre me acolheu de braços abertos. Os encontros aconteciam lá na biblioteca, nos tatames cobertos de livros e crianças correndo por todos os lados.

Desta vez, éramos o livro e eu. Como se daria o encontro? Olhando para uma tela, sem a menor noção de quem estava do outro lado, percebia que havia pessoas pelos comentários que pipocavam. Mas, enquanto mediadora, a minha escolha foi focar na leitura. Era preciso dizer aquela história. Mais que isso: era preciso viver aquela experiência de viajar. Eu precisava. Acredito que todos que acompanharam a leitura em capítulos também.



A narrativa ia tomando corpo e forma a cada leitura. A sensação de quando a leitura terminava era tão indescritível quanto a dos encontros presenciais, olho no olho, que vivi naquela mesma biblioteca.

Eu contava as horas para a chegada da próxima leitura, da próxima viagem. Aos poucos, mais e mais pessoas foram chegando, se aconchegando e embora eu estivesse fisicamente só, sabia que do outro lado daquela tela tinham crianças de pijama se espantando com a coragem do marujo, adultos que encontraram naquelas palavras um alento para os momentos solitários do isolamento.



*Miguel e Joaquim, na época com 2 e 4 anos, na cabana de histórias em que todas as noites de maio acompanharam as viagens de Simbá, do outro lado da tela*

Na última viagem, alguns leitores duvidaram de que Simbá não iria mais viajar. Guardo essa lembrança como um desejo de manter viva a história e a coragem para fazer as travessias que precisamos.

No último encontro, mudamos o formato: de live passamos a uma sala virtual para que as trocas pudessem acontecer. Agora eu estaria cara a cara com os leitores. Preparei curiosidades sobre As Mil e Uma Noites, a obra que abriga este conto, separei duas edições que tinha em casa de Simbá, o marujo para que

podéssemos pensar sobre os percursos da obra ao longo do tempo e de como ela chegou às nossas mãos e ouvidos em uma versão que para mim é primorosa. Fui para a conversa, sem saber se teria mesmo alguém além de mim.

Para minha surpresa, quem estava na roda eram pessoas que sei que não frequentam bibliotecas, nem se interessam por literatura para a infância, embora Simbá seja a meu ver uma narrativa para todas as idades. Amigas de muitos anos, de diversos contextos, que assim como eu, se refugiaram naquela narrativa e viajaram com Simbá. Queriam saber mais, queriam trocar.

Falamos sobre as viagens preferidas de cada uma, das sensações que nos despertavam cada intempérie vivida por Simbá, da curiosidade sobre como seria a próxima viagem, da espera que se fazia necessária até o próximo encontro, de como aqueles encontros estavam ajudando a “passar o tempo” do isolamento.

Essa foi a oitava viagem. Uma viagem única que se deu a partir de um encontro, do qual não tenho registros para além da memória. Para as pessoas que estavam ali presentes, apenas a leitura não bastou. Era preciso conversar.

Em seu Ouvir nas Entrelinhas, Cecilia Bajour defende que o ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos:

A explicitação daquilo que sussurra nas cabeças dos leitores – ou seja, a manifestação da palavra, do silêncio e dos gestos que o encontro com os textos suscita – leva-me a compartilhar a afirmação de Aidan Chambers de que o ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos. Em seu livro Diga-me, imprescindível para pensar o tema da escuta, ele inclui o texto de um colega que cita Sarah, uma menina de oito anos: *“Não sabemos o que pensamos sobre um livro até que tenhamos falado dele”*. Dar e escutar a palavra sobre o lido, se nos detivermos nas palavras de Sarah, seria objetivar o pensamento, torná-lo visível para si mesmo e para outros. É como escrever a leitura “em voz alta” e como se outros a vivenciassem como parte do texto que nossas cabeças criam quando leem. Para aqueles que são mediadores entre os leitores e os textos, é enriquecedor pensar

como a leitura esse momento de bate-papo sobre o lido, o intercâmbio acerca dos sentidos que um texto desencadeia em nós. Não se trata então de uma agregação aleatória, que pode ocorrer ou não, e que costuma ser interpretada como a “verdadeira” leitura, aquela que se dá quando os olhos percorrem as linhas e as imagens ou quando os ouvidos estão atentos para a oralização de um texto por meio de uma leitura em voz alta. Falar dos textos é voltar a lê-los.

O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo.  
Bajour, Cecilia (2012, pg. 22)

Nesta conversa, que começou com as sensações que a narrativa nos suscitou, tivemos um relato sobre a experiência de ouvir histórias. Entre tantas lives disponíveis no cardápio pandêmico, uma jovem adulta sem filhos escolheu ouvir a primeira viagem de Simbá. Nos conhecemos em um contexto de trabalho que nada tinha a ver com narrativas e os estudos que venho fazendo sobre livros e leituras. Daí minha surpresa em descobrir que ela acompanhou todas as viagens conosco.

Ela contou que tinha a sensação de que ler não era para ela. Não conseguia, não gostava, mas queria e se frustrava por não conseguir. Foi justamente esse marujo e suas aventuras narradas por meio de uma tela que reacenderam nela o desejo de ler. Conversamos sobre estilos de leitura, o que encanta, agrada, repele e seduz.

Alguns meses depois eu recebi uma foto e um relato sobre como ela se reconhecia leitora.



*“Eu aprendi a ler e escrever muito cedo, antes mesmo da primeira série e minha lembrança mais marcante quando falamos sobre leitura, é da época em que minha mãe comprava os gibis da Turma da Mônica e eu os devorava. Lia um atrás do outro e quando não tinha novos, retomava as leituras dos que já tinha. Ah, lembro de gostar de fábulas também.*

*Eis que o tempo foi passando e meu déficit de atenção me privou das leituras, lia uma coisa ou outra, mas não conseguia evoluir muito. E eu tentei continuar lendo por muito tempo, eu juro que tentei... Em meio a essas tentativas, descobri que meu livro favorito é “O pequeno príncipe”.*

*Até que um dia conversando com a Re, ela me explicou que para tornar-se leitor não tem idade e não tem época. Explicou também que eu precisava entender qual o meu estilo. Isso me deixou muito mais tranquila e pronta para uma nova tentativa.*

*Retomei a leitura aos poucos nessa quarentena, entendendo o que eu gostava daqui e dali... Participei de algumas rodas de leitura online com ela e estou me encontrando aos poucos e sei que a caminhada será longa e espero que nunca se*

*esgote. A Re me formou como leitora e foi uma das primeiras pessoas que contei quando consegui ler 5 livros, isso mesmo, cinco livros, de julho até setembro. Oba!*

*Bom, este é o relato de uma mulher que aos 30 anos descobriu que é possível viajar sem sair de casa com as “Aventuras de Simbá, o Marujo”, que entrou na escola de magia de Hogwarts e que também sabe dialogar muito melhor sobre feminismo, suas pluralidades e sobre racismo com Chimamanda Ngozi Adichie e com Djamilia Ribeiro.*

*Com amor e leitura, Bia*<sup>7</sup>

Como mediadora de leitura, nem sei como descrever o sentimento ao receber este relato. Acredito que um dos papéis dos mediadores de leitura é promover o encontro entre os livros e os leitores. Poderia dizer então que a missão foi cumprida, mas não foi intencional. Esse encontro se deu porque eu estava (e sigo estando) encantada pelo Simbá e suas aventuras. É daí que nasce uma das questões que motivou este trabalho: é preciso que o mediador esteja seduzido pela obra para que possa também seduzir os leitores?

Cecilia Bajour me trouxe uma resposta a partir dos relatos que coletou com educadoras que passaram por suas formações:

*Levamos “Chapeuzinhos” que, por um motivo ou por outro, nos agradavam. Estávamos convencidas de que para “fazer chegar” essas obras aos alunos era fundamental que nós mesmas estivéssemos autenticamente envolvidas com elas. Agradavam-nos não só por sua leitura prazerosa, mas também por sua leitura geradora de tensões. Não pretendíamos “torná-la fácil” nem para eles nem para nós. Esperávamos que fossem gerados conflitos que os fizessem refletir, questionar-se, ficar tristes e também irônicos. [...] Não queríamos dispor-lhes material que, por estar destinado a um público infantil, tivesse sido modificado e*

---

<sup>7</sup> Relato enviado pela Bia e publicado em 23 de novembro de 2020, no meu Instagram literário, Primeiras Leituras. <https://www.instagram.com/p/CH8YobsnqZc/>

*cortado para tornar-se “acessível a esse público novato”. Nossa ideia era que eles tivessem de se deparar com algo que não tivesse sido censurado para facilitar sua leitura e eliminar-lhe a tensão. Tínhamos o firme objetivo de não lhes facilitar as coisas e de que eles tivessem de pensar, extrair conclusões e sentir-se incômodos e desafiados sempre que a ocasião o propiciasse.*

Bajour, Cecilia (2012, pg. 30)

Desejo que todos nós possamos encontrar as leituras que nos atrairão e isso só será possível a partir do contato com os livros. Para encontrar os seus é preciso conhecer, apreciar, detestar, desgostar, questionar.

# Sobre escolhas

“Selecionar não quer dizer restringir, mas o contrário.

Selecionar significa valorizar”

Geneviève Patte

## **Simbá não está sozinho**

- Quem inventou a história do Simbá?
- É uma história que passou de boca em boca no oriente. Não sei quem a inventou. É uma das centenas de histórias que fazem parte do livro das Mil e uma Noites.
- Que livro é esse?
- Você não conhece?
- Não, prô. Nunca ouvi falar.

Fiquei surpresa ao saber que a Rapha nunca tinha ouvido falar sobre As Mil e Uma Noites. Talvez por ter contato com muitos contadores de histórias imaginava que mesmo quem nunca leu, sabia ao menos o enredo ou tinha ouvido falar das histórias mais conhecidas. Desconhecer foi ao mesmo tempo motivo de choque e surpresa. Nem todos veem o mundo a partir do mesmo ponto que nós.

Foi então que decidi apresentar para ela esse compêndio das mais variadas histórias, que salvaram as mulheres de um povo.

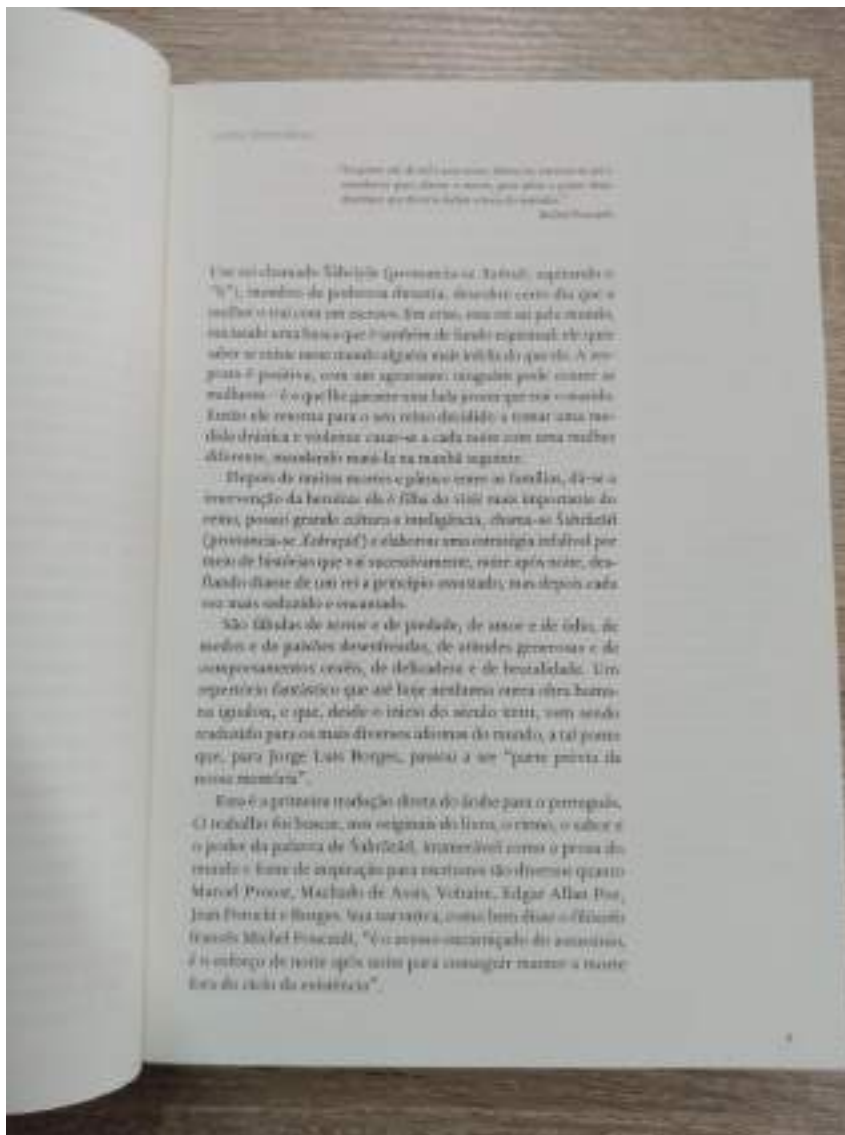
“É impossível saber ao certo em que momento alguém teve a ideia genial de inventar um livro em que contar essas histórias deixou de ser apenas o exercício de um hábito – ouvir histórias antes de dormir – para se tornar uma questão de vida ou morte. Inventor também do suspense,

faz com que a narradora interrompa a narração antes do desfecho, para,  
com isso, adiar a própria morte”

Ferreira Gullar,

em paratexto do Livros das Mil e Uma Noites, traduzido por Mamede

Mustafá Jarouche, Biblioteca Azul





## Nota editorial<sup>8</sup>

“Eu penso em As mil e uma noites: falava-se, narrava-se até o amanhecer para afastar a morte, para adiar o prazo deste desenlace que deveria fechar a boca do narrador.” Michel Foucault

Um rei chamado Sahriyar (pronuncia-se *Xahriár*, aspirando o “h”), membro de poderosa dinastia, descobre certo dia que a mulher o trai com um escravo. Em crise, esse rei sai pelo mundo, iniciando uma busca que é também de fundo espiritual: ele quer saber se existe neste mundo alguém mais infeliz do que ele. A resposta é positiva, com um agravante: ninguém pode conter as mulheres – é o que lhe garante uma bela jovem que trai o marido. Então ele retorna para o seu reino decidido a tomar uma medida drástica e violenta: casar-se a cada noite com uma mulher diferente, mandando matá-la na manhã seguinte.

Depois de muitas mortes e pânico entre as famílias, dá-se a intervenção da heroína: ele é filha do vizir mais importante do reino, possui grande cultura e inteligência, chama-se Sahrazad (pronuncia-se *Xahrazád*) e elaborou uma estratégia infalível por meio de histórias que vai sucessivamente, noite após noite, desafiando diante de um rei a princípio assustado, mas depois cada vez mais seduzido e encantado.

São fábulas de terror e de piedade, de amor e de ódio, de medos e de paixões desenfreadas, de atitudes generosas e de comportamentos cruéis, de delicadeza e de brutalidade. Um repertório fantástico que até hoje nenhuma outra obra humana igualou, e que, desde o início do século XVIII, vem sendo traduzido para os mais diversos idiomas do mundo, a tal ponto que, para Jorge Luis Borges, passou a ser “parte prévia da nossa memória”.

Esta é a primeira tradução direta do árabe para o português. O trabalho foi buscar, nos originais do livro, o ritmo, o sabor e o poder da palavra de Sahrazad, inumerável como a prosa do mundo e fonte de inspiração para escritores tão diversos quanto Marcel Proust, Machado de Assis, Voltaire, Edgar Allan Poe, Jean Potocki e Borges. Sua narrativa, como bem disse o filósofo francês Michel Foucault, “é o avesso encarniçado do assassinio, é o esforço de noite após noite para conseguir manter a morte fora do ciclo da existência.

---

<sup>8</sup> Nota editorial transcrita do Livro das mil e uma noites - volume I - ramo sírio, autoria anônima, tradução de Mamede Mustafa Jarouche, pg. 9

Diante de tantas versões de uma mesma obra, como escolher uma que apresente a um leitor em formação a potência que a levou a ser conhecida mundialmente?

Ao escolhermos o que será lido com outros, estamos imaginando por onde poderemos introduzir os textos nas conversas literárias, por onde entrarão os demais leitores, que encontros e desencontros a discussão poderá suscitar, como faremos para ajudá-los nesses achados, como deixaremos aberta a possibilidade de que o próprio texto os ajude com algumas respostas ou lhes abra caminho para novas perguntas, como faremos para intervir sem fechar sentidos.

Bajour, Cecília (2012, pg.27)

# O que queremos narrar?

## Um percurso sobre escolhas e possibilidades



Um dos meus critérios de seleção era preservar o total protagonismo de Sherazade. Afinal, entre todos aqueles que já ouviram falar sobre As Mil e Uma Noites, qual o primeiro nome que vem à mente? Certamente é o nome de Sherazade e não o do sultão. Além desse critério, gostaria também de apresentar uma versão que não se apresentasse simplista e que mantivesse a substância que compõe esse conjunto de narrativas.

Talvez a versão mais 'fiel' que temos no Brasil seja uma tradução direta dos manuscritos árabes, feita pelo professor Mamede Jarouche e publicada pela Globo Livros. São quatro volumes, totalizando 1.668 páginas, que entremeiam as narrativas organizadas por noite e notas de rodapé que trazem uma camada extra de leitura. A meu ver, um texto complexo para um leitor fluente adulto.

Enquanto mediadora, não enxerguei nessa versão a possibilidade de apresentá-la a uma jovem leitora em formação.



Figura 1 Box O livro das Mil e Uma Noites



Figura 2 Livro das Mil e Uma Noites - Volume 1

Outra versão bem interessante é a tradução de Antoine Galland – o responsável por apresentar as Mil e Uma Noites ao ocidente –, que conta com apresentação do Malba Tahan. No paratexto temos a importância das histórias, sua relação com o povo árabe, a figura do narrador e o percurso da “criação” das Mil e Uma Noites. Achei esse conteúdo riquíssimo e curioso. O texto literário ainda me parece complexo e denso para um leitor em formação. Não era uma opção que atendia meu objetivo.



*Figura 3 Os dois volumes de As Mil e Uma Noites*



*Figura 4 Destaque para o 1º volume de As Mil e uma Noites*

Passei então para uma versão traduzida pelo poeta Ferreira Gullar, adaptada a jovens leitores. O texto é fluido e com linguagem bem mais acessível se comparada à versão do professor Mamede. Entretanto, não me senti confortável para ler esta versão porque as questões sexuais presentes originalmente na obra foram mantidas nesta adaptação aos jovens. Minha leitora talvez fosse jovem demais para estes conteúdos? Ou eu que não me sentia autorizada a abrir essa

possibilidade de conversa? É um tema tabu e eu não me vi disposta a driblá-lo? Meu objetivo era outro: oferecer a melhor versão que encontrasse à minha jovem leitora. Guardo esta versão entre as minhas preferidas, mas não era esta a que se adequaria a este momento, a este encontro.

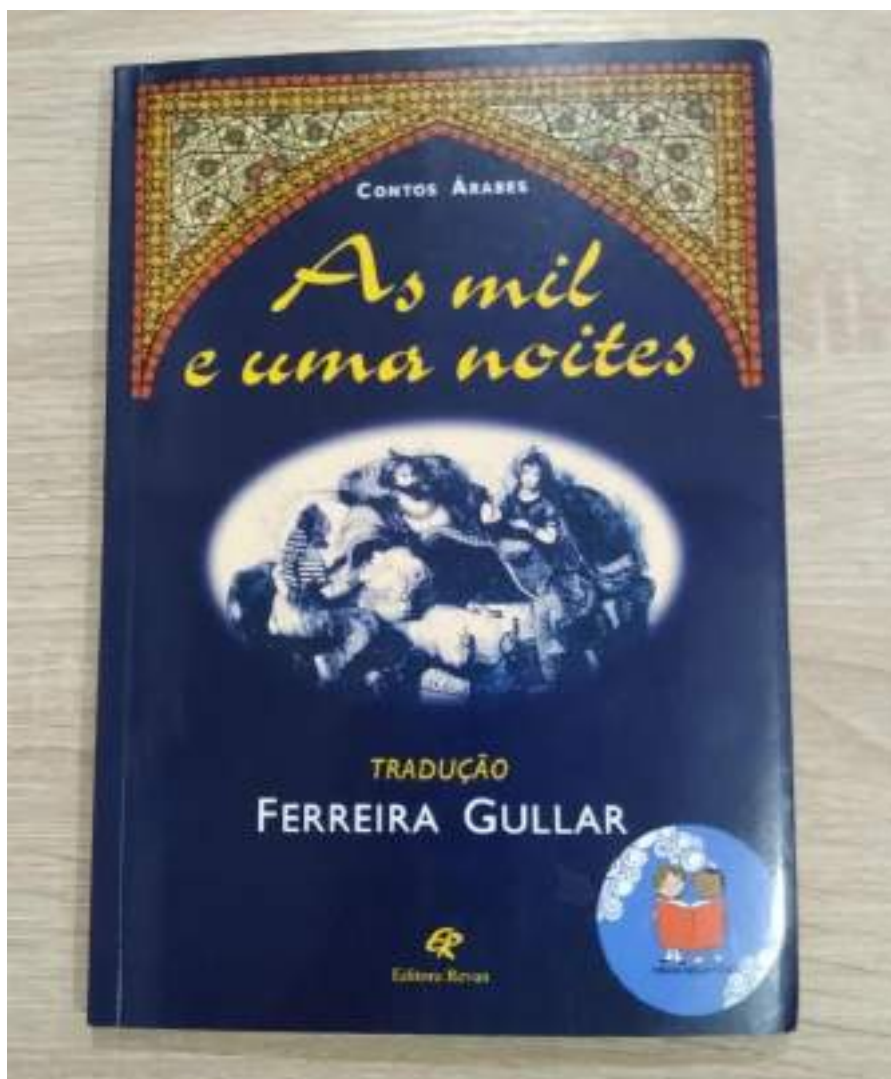




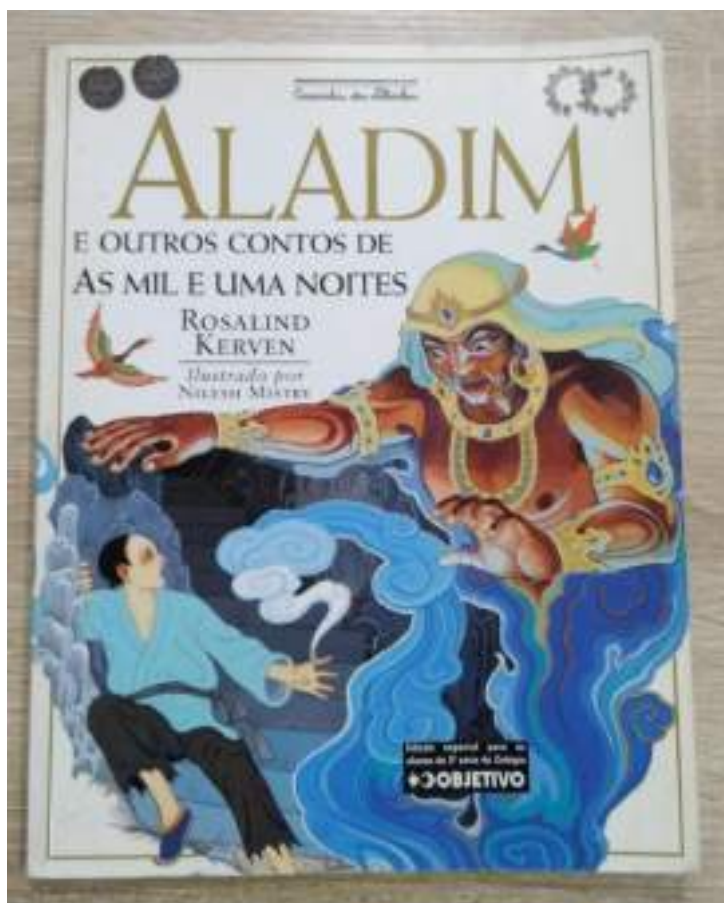
Figura 5 A abertura de um dos contos



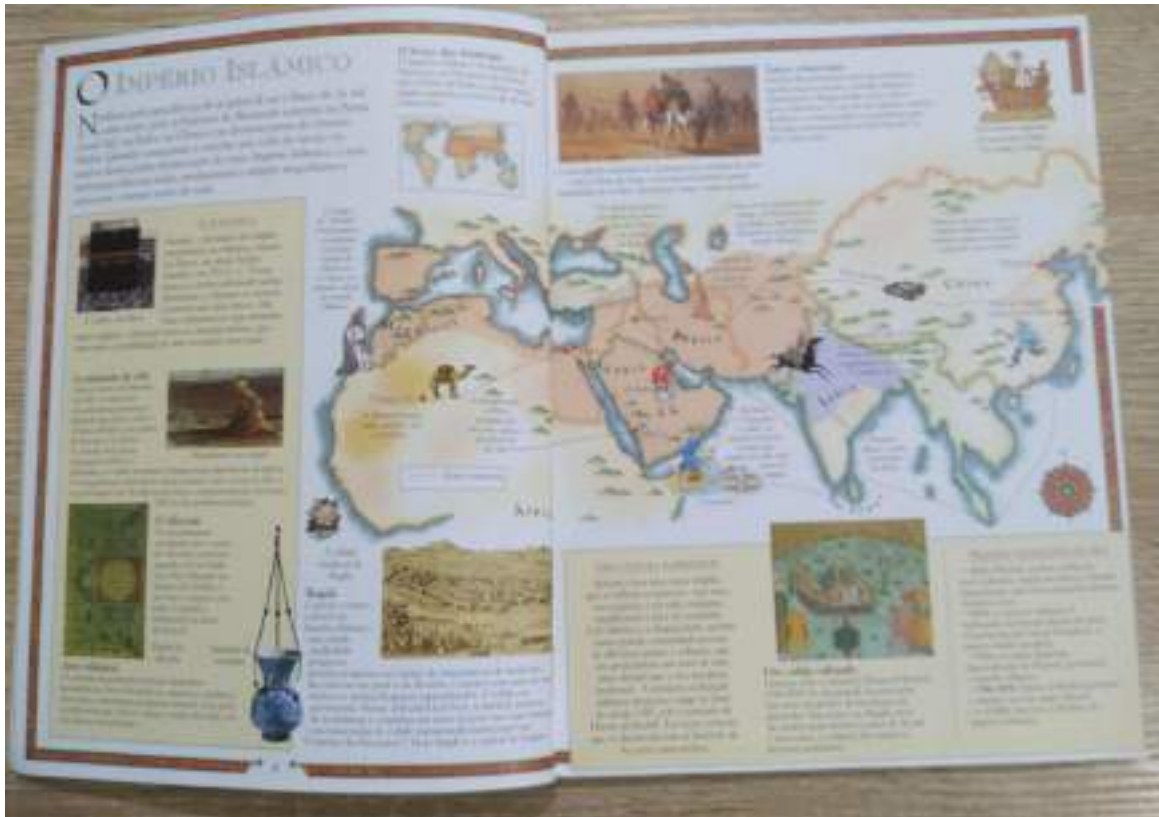
Parti, então, para as versões adaptadas ao público infantil. Encontrei uma no meu acervo, adquirida em um sebo anos atrás que parecia ser perfeita. Era uma



edição especial para os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, de um grande grupo de ensino. Exatamente a mesma série que minha criança cursava.



A obra me pareceu uma versão híbrida de livro literário e informativo, agregando à narrativa contexto histórico, social, mapas e ilustrações interessantes. Em uma primeira avaliação, era uma boa alternativa.



*Figura 6 Dupla de conteúdo informativo que contextualiza a obra*

Quando comecei a leitura do conto que abre as Mil e Uma Noites, a chamada história moldura, fiquei extremamente decepcionada. A adaptação no texto foi tamanha que o protagonismo de Sherazade foi reduzido. A narrativa mostrava a contadora de histórias como uma mulher submissa que conseguiu o que conseguiu porque o sultão mandava que ela contasse as histórias, quando, na verdade, ela é a protagonista que engendrou o plano de usar as narrativas para adiar sua morte, salvando a si e a todas as mulheres que viriam depois dela, caso o plano falhasse.



Figura 7 Apresentação da história de Sherazade



Acredito que a adaptação de um texto – neste livro feita por Rosalind Kerven com tradução de Hildegard Feist – para possibilitar a leitura de uma pessoa menos experiente não esbarra em mexer na estrutura da narrativa, mudando o papel dos personagens. Como esta versão não atendeu a um critério que era importante para mim, foi descartada.

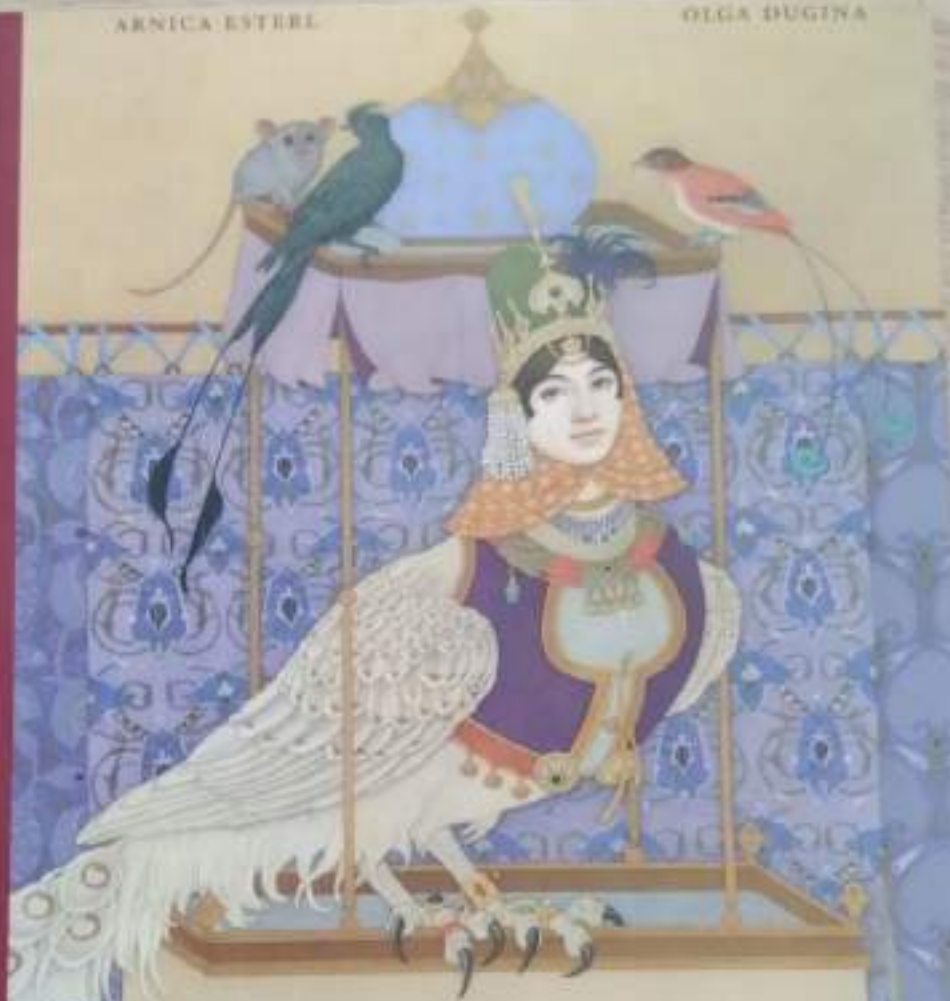
Duas outras versões me foram apresentadas, mas, seja pela adaptação ou pelo projeto gráfico, não me encantaram como um objeto de leitura criativo ou que criasse algo potente ao leitor.



Foi então que conheci uma versão publicada pela extinta Cosac Naify, de título *As Mais Belas Histórias das Mil e Uma Noites*, adaptado por Arnica Esterl, com tradução de Alexandre Flory e ilustrações de Olga Dugina. O texto preservava o protagonismo de Sherazade, sem dar muito foco às questões sexuais presentes na versão original. Somado a um projeto gráfico primoroso e ilustrações de tirar o fôlego. Enfim, havia encontrado a versão que me seduziu para ser lida.

ARNICA ESTIBL

OLGA DUGINA



As mais belas histórias  
das Mil e uma Noites



Figura 8 Representação de Morgiana, no conto Ali Babá e os 40 ladrões

Diante dessa pequena curadoria, tinha em mãos a obra que me seduziu. Seria ela a ideal? A adequada? O que ficou de fora dessa curadoria que poderia ter sido avaliado? A sensação é de buscar uma agulha no palheiro, mas afirmo para mim mesma a ideia de Geneviève Patte, bibliotecária e intelectual francesa de que “selecionar não quer dizer restringir, mas o contrário. Selecionar significa valorizar”. Sabia que com aquela versão estava dando o devido valor à obra. Segui então para o encontro.

### **Manhãs e tardes de Mil e Uma Noites**

O mundo corria lá fora, o trânsito fervilhava, pessoas ocupadas com grandes ideias corriam de um lado para o outro engolindo suas mazelas e cumprindo suas tarefas. Enquanto isso, na conexão Tatuapé - Santana de Parnaíba, numa manhã de segunda-feira, na primavera de 2021, eu e minha criança estávamos suspensas no tempo.

*Há muito tempo, num reino distante da Índia, viviam dois reis, dois irmãos. Por anos eles reinaram de modo sábio e justo, um no Leste, o outro no Oeste.*

[...]

*E assim passaram-se dias e noites. O rei nunca se cansava de ouvi-la, Sherazade tecia aventuras e entrelaçava acontecimentos. Assim transcorreram 1001 noites. As Mais Belas Histórias das Mil e Uma Noites, de Arnica Esterl e Olga Dugina, editora Cosac Naify (pg.7-16)*

Fomos obrigadas a sair desse tempo outro e retornar ao nosso tempo e lugar presentes. Antes de retomar, por fim, os afazeres, deixo registrada a sessão:

Hoje eu li para a Rapha o primeiro conto do livro As mais belas histórias das mil e uma noites [...] Ela achou bem diferente o jeito como as coisas aconteciam naquela época de como acontecem hoje. Fico com uma pergunta para mim: “Será?”

Nas semanas seguintes eu estava muito animada para voltar ao tempo outro. A pandemia vinha nos tirando a alegria, a esperança e a motivação. Abrir aquele livro, ir a um lugar e tempo que não os que me consumiam eram, a cada encontro, um alento. Nunca cheguei a perguntar para a Rapha se ela sentia o mesmo. Há coisas que não precisam ser ditas, mas sentidas.

Quando lemos o conto Do Boi e do Burro, fiquei com um pouco de receio porque há violência doméstica, algo inaceitável e absurdo, mas que na época em que essas histórias foram registradas era algo normal. Achei bem interessante a postura da Rapha de se indignar com o mercador que bate na mulher com galhos

de amoreira. Ela perguntou se eles viveram felizes depois de ele ter chicoteado a mulher.

Na leitura do conto Ali Babá e os Quarenta Ladrões aconteceu algo bastante curioso. Como a narrativa era longa, dividi em três partes para que pudéssemos fazer uma leitura confortável com tempo para conversas e reflexões. Meu planejamento foi por água abaixo quando Rapha me pediu encarecidamente para continuar a leitura porque ela não aguentaria ficar uma semana sem saber o que iria acontecer.



*Figura 9 Ilustração do conto Ali Babá e os 40 ladrões*

O enredo é cheio de reviravoltas e traições. Mais uma vez o protagonismo feminino se faz presente, com Morgiana, uma mulher escravizada que salva a pele do seu amo, Ali Babá, e resolve as mais imbricadas situações. Conversamos muito sobre esta personagem ao longo da leitura e isso me mostrou que essa versão apresentada seduziu não apenas a mim, mas também a minha jovem leitora que estava encontrando ali naquelas mulheres algo importante: a representatividade. Terminamos a leitura com deslumbramento e olhos brilhantes.



Esse conto rendeu boas conversas sobre inveja e cobiça, bem presentes no conto. Outro ponto que chamou a atenção da Rapha foi o papel das mulheres. Para ela - e para mim também - a protagonista da história foi a escrava Morgiana.



Figura 10 Mais uma representação de Morgiana, no conto *Ali Babá e os 40 ladrões*

Muitas conversas sobre o papel das mulheres na sociedade, seja no Brasil, no Oriente, nos tempos da Sherazade ou nos atuais. Quem fomos, quem somos, quem gostaríamos de ser? Por fim, quem seremos? Além de viajar por esse tempo outro, também pudemos olhar para hoje e vislumbrar o amanhã.

Enquanto fazia a leitura, descobri que um parceiro querido de mediação de leitura estava lendo este mesmo livro para sua turma de alunos. Convidei-o para compartilhar um breve relato sobre esta experiência de leitura coletiva:

*“A leitura das Mil e Uma Noites era uma coisa que eu já tinha feito no passado, mas não tinha conseguido fazer completamente na íntegra a edição da Cosac Naify. O livro tem algumas passagens que são um pouco mais fortes para um leitor pequeno. Em contrapartida, não tem como não se encantar desde a hora que você pega o livro em mãos porque é uma obra de uma qualidade, inclusive*

*na questão estética, por ser grande, de capa dura, com papel de qualidade e ilustrações riquíssimas.*

*Eu reli o livro antes de fazer a leitura, me preparei bastante. No preparo do meu planejamento já penso em possíveis questionamentos que as crianças possam fazer, porque conheço bem a turma, já estava o ano todo com eles. Mas na mediação é tudo na hora.*

*A experiência foi fantástica porque as crianças ao final já tinham um repertório, uma bagagem muito grande de leituras que nós começamos desde o ensino remoto. Então para um livro com uma carga dessa um pouco mais densa com histórias mais complexas até a gente pode dizer que existe um papel bem diferente da mulher, a questão da morte e até mesmo de maus-tratos. Nós tivemos discussões muito ricas que se acontecessem no início do ano não teria dado certo essa leitura.*

*Acho que foi um processo gradativo que eu fui desenvolvendo com eles de escolha das obras que foram lidas. Eu sempre penso nessa crescente de complexidade, de técnicas de ilustração, mesmo de textos mais robustos. Vou e volto, pego às vezes um livro mais curto depois um mais longo, uma ilustração um pouco mais convencional e outra completamente surreal como é o caso destas da Olga Dugina, nas mais belas histórias de mil e uma noites. Os alunos ficavam na loucura com aquela mulher ave pensando se era a Sherazade ou se não era.*



Figura 11 Ilustração do conto A história de Sherazade

*Aí no final ficou aquele grande questionamento: 'E aí? Era Sherazade? Quem eram esses animais misturados com seres humanos? Tudo isso fica no imaginário, que é algo que sempre converso com eles.*

*Ouvimos algumas das histórias da Sherazade, internalizamos, analisamos de acordo com que a gente tem dentro de nós e agora a gente leva para vida, para passar para o outro, de outra maneira, com outro olhar, experiências e vivências a partir da nossa trajetória de leitura. Foi uma experiência muito rica que eu tenho certeza de que vou levar para o resto da vida."*

Helder Guastti

# Sobre entrelaçar os fios

*“Costumo dizer que educadores, escritores e mediadores de leitura são descendentes de Sherazade, que, todas as noites, articulada e criativa, encantava o sultão Shahriar com histórias tão maravilhosas que o soberano se via obrigado a adiar a execução da moça e, por sua vez, a das mulheres que viriam depois dela.”*  
Goimar Dantas<sup>9</sup>

No que se assemelham os mediadores de leitura e a sultana que salvou a vida por meio das histórias? Essa questão é, de certa forma, a centelha desse trabalho.

Como nos disse Yolanda Reyes, nosso trabalho enquanto mediadores de leitura é recordar e dar palavras. Enquanto Sherazade deu ao sultão, além de sua presença, as palavras que entrelaçam narrativas sucessivas e abriram a possibilidade de mais um e mais um e mais um dia até que se passaram mil e uma noites, nós mediadores damos voz aos livros, prontos a recordar mil e uma vezes a mesma história, se esse for o desejo de nossos leitores.

Esta é uma camada de semelhança entre os fazeres. Denise Guilherme, educadora, idealizadora e curadora de livros infantis na A Taba me trouxe uma nova perspectiva essa questão:

“No fim das contas o que eu acho que ela faz é compartilhar o mundo dela com ele, porque o mundo dela era esse, o das histórias. E o Sultão, à medida que ela foi contando as histórias, talvez tenha ressignificado a história dele nesse encontro. Porque para mim, mediação é encontro. Então ela foi aberta a encontrar esse homem magoado e ferido e, ainda assim, com todas as condições ela resolveu se dar de presente, porque o que ela tinha para dar a ele eram suas histórias. Pensando na comparação com a mediação, eu acredito que tenha relação sim entre a Sherazade e os mediadores de leitura. A Yolanda Reyes diz que o professor se coloca em risco e para mim serve também para os mediadores. Ela corria o risco, ele podia não gostar da história e a ter matado, não dando certo o plano dela. Como mediadora e se eu levar esse livro e

---

<sup>9</sup> A arte de criar leitores: reflexões e dicas para uma mediação eficaz. Goimar Dantas. Editora Senac, 2019

ninguém gostar? Então o mediador vai no risco e na incerteza também. O que ele tem para oferecer é sua voz que conta a palavra do outro.”<sup>10</sup>

De fato, nós não sabemos o que acontecerá, não temos como prever um encontro de leitura. Até minha conexão acontecer com a Rapha, por exemplo, foram muitas incertezas. A cada nova sessão, o risco de ter feito escolhas que para mim eram boas, mas que para ela poderiam não fazer nenhum sentido.

Acredito que o livro é para o mediador como um porto seguro, dá norte e conduz aquele que empresta a voz para que ele diga o que cada leitor ouvinte irá escutar. Para cada leitor o livro pode dizer muitas coisas, assim como para o mediador. Ter o livro como norte é algo que me tranquiliza, me dá confiança.

Descobri ao longo do percurso que não há jeito certo para mediar leitura, há múltiplas formas de encarar e desenvolver essa atividade. Nos muitos encontros de leitura que acompanho pude perceber a variedade de fazeres. Há quem goste de trazer vozes para cada personagem, aqueles que têm o corpo como meio para também “dizer” o livro, há quem traga destaque para o ritmo e a prosódia.

A meu ver, o que diferencia o fazer dos narradores como Sherazade e dos mediadores de leitura é a presença do livro. Os narradores podem ter o livro como fonte para suas histórias, sem que ele esteja presente no encontro com sua audiência. Os mediadores fazem parte de um triângulo, como nos diz Yolanda Reyes<sup>11</sup>, que une o livro, quem lhe dá voz e quem escuta.

Já Beto Silva, pedagogo e mediador de leitura, destaca um ponto que, para mim, tem a ver com a presença do livro nesse encontro: “O mediador de leitura não narra e não conta. Ele lê respeitando a maneira como um livro foi concebido enquanto objeto de arte. Então o trabalho do mediador nesse empréstimo é garantir que seja respeitado o livro da maneira como ele foi constituído e na

---

<sup>10</sup> Esta fala faz parte da entrevista concedida por Denise Guilherme para este trabalho. A íntegra da entrevista está disponível como anexo neste trabalho.

<sup>11</sup> A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância. Yolanda Reyes, Global Editora, 2010

possibilidade que ele tem de que essa voz também possa mobilizar as outras vozes de quem assiste a situação de mediação.”<sup>12</sup>.

Nesse sentido, mediar leitura poderia ser então apenas ler um livro? Acho que é mais que isso. É mais que ler em voz alta para que os outros escutem. É mais do que fazer uma série de perguntas para checar o que foi entendido sobre o livro. É mais que perguntar para as crianças se gostaram do livro. Essas práticas – muito utilizadas no espaço educativo – estão mais no campo da técnica que no do sensível. As experiências de leitura são muito mais amplas que dizer a alguém se gostou ou não do livro, isso se houver espaço para dizer que não gostou. Acredito que práticas como estas nem sempre promovam o encontro do livro com os leitores.

Na minha visão, o que faz parte do campo do sensível é o que pode mobilizar, seduzir e chamar a atenção para o que aquele livro diz, a partir da voz de quem o está mediando e, assim, promover um encontro. Beto Silva traz uma definição de mediação de leitura que conversa com o que acredito:

“Na mediação o livro é entendido como obra de arte. Portanto ele tem uma perspectiva de ser entendido como ação cultural. Então o que a gente espera não é que a pessoa chegue aos conteúdos que a gente deseja, pelo contrário, o mediador não leva conteúdos, ele mobiliza conteúdos que estão ocultos entre as pessoas que participam da mediação para começar a conversar sobre eles.”

Na A Taba, onde atuo profissionalmente como comunicadora e mediadora de leitura, utilizamos o conceito de chaves de leitura para guiar os trabalhos de mediação. Vejo esse conceito apresentado pela pesquisadora de leitura infantil Cecilia Bajour como uma metáfora para a entrada nos livros. Podemos entrar pela capa, pelo título, por alguma pista deixada pelo autor, pelo que disse na dedicatória, enfim, são inúmeras possibilidades.

Os modos específicos de entrar nos textos podem partir de algumas chaves que cada livro sugira, ou de algum aspecto que se queira intervir para a construção de saberes literários. Se um livro mostra como chave central ou princípio construtivo o uso da ironia ou o contraponto entre a

---

<sup>12</sup> As falas de Beto Silva fazem parte de uma entrevista concedida para este trabalho. A íntegra da entrevista está disponível como anexo deste trabalho.

imagem e o texto, as previsões sobre a conversa a respeito desse livro, e por conseguinte a conversa propriamente dita, podem procurar “seguir o jogo” desse “truque” do texto.  
Bajour, Cecília (2012, pg.64)

Essas chaves abrem as portas para que possamos entrar nos livros e estabelecer conversas que contribuam para que os olhares multipliquem a leitura de cada um. Como disse Denise Guilherme “eu tenho de sair da mediação maior do que eu entrei. Se eu entrar numa mediação e sair do mesmo jeito foi um encontro comigo mesma. Um monólogo”.

Das conversas em torno dos livros pode haver também muitos silêncios. Pode ser desconcertante para o mediador. Para mim, muitas vezes o silêncio era sinal de que os leitores não estavam ‘gostando’. Com o tempo, a prática e a abertura ao risco e à incerteza fui me acostumando com os silêncios. Passei a pontuar os silêncios que o livro pedia e não passar por eles rápido. Passei a acolher os silêncios de quem estava na sessão de mediação, não como um descontentamento, mas como uma reflexão. Esse novo olhar foi reconfortante para mim. É justamente isso que o Beto pontua sobre a escuta:

“A gente não tem condição de visualizar os movimentos dos conteúdos ocultos íntimos de cada pessoa. Então silêncios também são muito importantes porque quando uma pessoa fala ela traz para fora e quando ela se silencia está colocando para dentro, tentando movimentar esses conteúdos. É importante que o mediador respeite também esse silêncio, entenda que ele é uma etapa do processo”.

E como nos ensinou Sherazade que uma história puxa outra, essa reflexão do Beto sobre a mobilização de conteúdos internos que a mediação de leitura proporciona, entrelaçada ao que disse a Denise sobre as histórias da sultana terem contribuído para o sultão a ressignificar a própria história, me fez querer saber o que tem essas narrativas que foram passando de boca em boca e chegaram até minhas manhãs de segunda-feira com a Rapha?

Fabiana Rubira, mestre em linguagem e educação e contadora de histórias, compartilhou seu olhar sobre o que constitui esse compêndio de histórias no podcast Estado da Arte, em um episódio sobre As Mil e Uma Noites<sup>13</sup>:

Ali está expresso o que há de mais verdadeiro no ser humano. E por isso as histórias se perpetuaram porque elas vão trabalhar com as imagens ancestrais de uma forma mais poética. Por isso elas fazem sentido na Índia antiga, no ocidente e no oriente. [...] É uma fonte de mitologia riquíssima, capaz de nos suprir de símbolos essenciais que reverberam no nosso ser. É como se fosse um conjunto de símbolos da melhor maneira possível. Então, em vez de ter um dicionário de símbolos onde estão todos descritos sem muito sentido, no livro [As Mil e Uma Noites] temos esses símbolos articulados em uma narrativa e, por isso, quando a gente escuta dialoga conosco, reverbera nos nossos centros criativos. Então para mim é essa fonte mitológica riquíssima que a gente tem nesse compêndio de histórias.

Assim como os fios das narrativas que se entrelaçam e dão vida a outras histórias, neste percurso novos fios foram incorporados, enlaçados e esticados. Perguntas ficaram sem resposta. Respostas prontas foram descartadas, por não haver perguntas. E segue ressoando em mim, o que diz Yolanda Reyes:

Porque, no fundo, os livros são isso: conversas de vida. E sobre a vida, por isso é urgente aprender a conversar.  
Reyes, Yolanda. (2021, pg. 32)

---

<sup>13</sup> Estado da Arte é um podcast produzido pelo jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <https://estadodaarte.estadao.com.br/podcast-as-mil-e-uma-noites/>



## Entrevistas na íntegra

### **Beto Silva**

Pedagogo, psicopedagogo e mediador de leitura literária, especialista em educação socioemocional, inovação educativa e entusiasta em estudos sobre o futuro da educação. Há mais de 15 anos tem atuado como formador, consultor e coordenador em projetos e programas em diversas organizações, públicas e privadas, nas áreas de educação, cultura, saúde e assistência social com ênfase em leitura, literatura, juventude, metodologias ativas e futurologia. Foi assessor do Programa Prazer em Ler do Instituto C&A, educador do Projeto Criança Fala, assessor técnico da A Cor da Letra, coordenador do Projeto AdoLêSer, agente de formação no Programa Jovem Monitor Cultural, coordenador geral da Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca do Ministério da Cultura, líder de projetos e formador do Instituto Crescer para Cidadania, coordenador de inovação educativa no CIEDS, presidente e coordenador de Projetos do Instituto Clio e professor da pós graduação do Instituto Brasileiro de Formação de Educadores. Atualmente se dedica a educação profissional tecnológica, compondo o time de especialistas em implementação e desenvolvimento do Itaú Educação e Trabalho, jurado na Revista Crescer, mediador de leitura no Coletivo Lê e Cafuzas e criador das páginas

@dedicoaoslivrosqueli (<https://www.instagram.com/dedicoaoslivrosqueli/>)

@dedicoaosleitoresquevi (<https://www.instagram.com/dedicoaosleitores/>)

### **Renata: O que é mediação de leitura para você? E o que não é?**

**Beto:** A mediação de leitura é uma prática no meio de tantas outras que valorizam o livro o ato de fazer a transmissão vocal do texto e a presencialidade de uma pessoa que a gente denomina mediador de leitura que permite a interlocução entre as pessoas que escutam e os livros que ele oferta ou os livros que são escolhidos pelos ouvintes.

A mediação de leitura tem uma clareza de que trabalha fomentando a cultura da escrita, por isso o mediador sempre lê o livro. Ele não narra e não conta. Ele lê respeitando a maneira como um livro foi concebido enquanto objeto de arte. Ele

também dá condição para que as pessoas que estão assistindo ou estão presentes na situação de mediação de leitura tenham acesso às ilustrações que compõem o livro.

Todas as práticas de incentivo à leitura podem ser originadas de diversos campos. Podem estar centradas na cultura da oralidade, na cultura da escrita e podem ter outras finalidades que entendem a leitura como meio e não como fim.

O lugar da mediação é a compreensão da Leitura como fim, como atividade e não como pretexto ou como algo que mobiliza para o desenvolvimento de alguma atividade, que pode estar atrelada a conteúdos e objetos de conhecimento, aos componentes curriculares e aos desejos e anseios das pessoas que normalmente usam livro para conseguir chegar a um conteúdo específico.

Na mediação o livro é entendido como obra de arte. Portanto ele tem uma perspectiva de ser entendido como ação cultural. Então o que a gente espera não é que a pessoa chegue aos conteúdos que a gente deseja, pelo contrário, o mediador não leva conteúdos, ele mobiliza conteúdos que estão ocultos entre as pessoas que participam da mediação para começar a conversar sobre eles.

**Renata: Como alguém se torna mediador de leitura?**

**Beto:** O mediador de leitura é uma pessoa que por levar a experiência com livro, pressupõem-se que possua repertório das suas experiências e das experiências com os outros em torno da palavra literária.

Então poderia dizer que um tipo de mediador de leitura é o que já carrega uma experiência, já tem um repertório, teve pessoas que ao longo da sua trajetória foram referências. Mas também parto de uma perspectiva que é muito próxima à concepção do Jean Foucambert, um francês que estuda sobre o fenômeno da leitura que o leitor não é, o leitor está sendo. Então, quanto mais repertório um mediador possui, talvez com mais condição ele consiga propor diálogos com outras pessoas em torno das narrativas literárias que o livro propõe ou as

narrativas de vida que cada um carrega e coloca no jogo e na situação de mediação.

Eu atuei em projetos em que a maioria dos jovens que escolheram ser mediadores de leitura não foram bons leitores e não tiveram boas experiências com a leitura e com o livro. Foi no processo de formação e de atuar como mediadores que conseguiram ressignificar seu papel enquanto leitores e promotores de leitura.

Independentemente de haver experiência prévia ou repertório, o que acho muito importante é que as pessoas passem por processos de formação. Nas formações, quem tem experiência vai refletir sobre suas práticas e quem ainda não tem, desenvolverá a condição de criar, experimentar e se desenvolver.

**Renata: Pensando a mediação como um encontro, o que está em jogo para que esse encontro "aconteça"?**

**Beto:** A sessão de mediação de leitura ele sempre acontece com o encontro de uma Tríade: é necessário que exista o livro que é o elo entre o mediador de leitura e os ouvintes. Então só a existência desses três sujeitos garante a situação de mediação de leitura. Quando não há a presença do mediador também ainda se configura um encontro do leitor com o livro. Só que o que é mais importante é que na conversa nos conteúdos que são levantados no trabalho de mediação de leitura, o mediador está ali para trocar, dialogar, questionar, fortalecer. E quando uma pessoa está apenas com livro, faz esse movimento interno que é superimportante, mas pode ser que ela não tenha possibilidade de botar para fora e buscar outras representações, outras combinações do que ela está vivendo, das angústias que ela sente, das verdades que ela possui movimentando e propondo isso num diálogo. Isso garante o trabalho de mediação

**Renata: Na sua prática, o que não pode faltar antes, durante e até depois desse encontro?**

**Beto:** Na realização de mediação de leitura é preciso uma organização prévia do mediador como a organização e a escolha do acervo considerando que esse

acervo é o que vai movimentar e permite o diálogo com as pessoas que estão participando da situação de mediação de leitura. Esse preparo dos livros, a organização de um espaço onde ele vai deixar os livros de fácil acesso são coisas muito importantes. O mediador aí já está entendendo que pode haver muitas conversas entre os livros, como pode haver muitos silêncios. O mais legal do trabalho de leitura literária para mim é que a gente não tem condição de visualizar os movimentos dos conteúdos ocultos íntimos de cada pessoa. Então silêncios também são muito importantes porque quando uma pessoa fala ela traz para fora e quando ela se silencia está colocando para dentro, tentando movimentar esses conteúdos. É importante que o mediador respeite também esse silêncio, entenda que ele é uma etapa do processo.

Depois das situações de mediação, é preciso ter clareza de não perder determinadas situações vividas. Ao longo da minha formação enquanto mediador eu fico durante um tempo me resguardando e entendendo tudo que aconteceu porque acontecem situações para além do encontro com os ouvintes. Quando eu saio da situação de mediação eu faço uma nova reconstrução do mosaico para entender se teve outras coisas que poderiam ter interferido na situação de mediação.

Um exemplo bem claro é quando eu estava lendo um livro para o grupo de crianças e o conteúdo, a trama, a narrativa chamou a atenção dos pais. Enquanto eu estava transmitindo o texto oralmente, os pais todos foram se juntando, chegando mais perto para entender. Eu estava concentrado e não percebi. Quando eu parei de ler, todos os pais estavam muito próximos. Poderia ter sido um movimento natural de cuidado com os filhos, mas as outras pessoas que estiveram foram me contando que na medida que eu lia as pessoas foram chegando e não é só pelos cuidados dos filhos, mas algo na narrativa chamou muita atenção. Então eu sempre digo que o trabalho de mediação tem um impacto direto na pessoa que está participando da sessão, mas a gente tem um público indireto, que pode estar observando de longe a situação ou a narrativa. Há impactos diferentes entre quem está dentro e fora da situação de leitura e para a gente isso é importante porque na ação cultural a finalidade não é a única. É plural e diversa.

**Renata: Você fala sobre emprestar a voz para que o livro fale. Pode falar um pouco mais sobre esse "empréstimo"?**

**Beto:** Já faz muito tempo que eu usava o termo de transmitir o texto vocalmente que é uma analogia de um linguista maravilhoso chamado Élie Bajard e com tempo eu fui entendendo que o meu papel no trabalho da mediação, a minha performance está no objeto, no livro. Então o meu lugar é fazer o empréstimo da minha voz para os livros ocuparem cada vez mais esse lugar da sua performance. Então eu empresto a minha voz para os livros falarem porque o que eu espero é que as pessoas que estão participando entendam que, na falta ou na ausência de um mediador de leitura, ela sempre vai ter acesso a história. Então por isso que sempre o livro está em evidência. É um conceito poético, mas muito importante para a gente poder pensar nesse empréstimo e é óbvio que nesse empréstimo como bom mediador, um artesão da palavra, do jeito como ele traz a palavra, sua entonação ele também deixa evidente algumas marcações que ele quer fortalecer no texto. Então é muito possível que as pessoas que participam da mediação de leitura observem isso, onde estou dando maior peso porque pode ter questões minhas que estão ali que eu entendo que no jeito como eu transmito o texto isso pode ficar aparente ou não. Então o trabalho do mediador nesse empréstimo é garantir que seja respeitado o livro da maneira como ele foi constituído e na possibilidade que ele tem de que essa voz também possa mobilizar as outras vozes de quem assiste a situação de mediação.

**Renata: A figura do mediador está muito ligada aos educadores, à sala de aula. Para tornar o Brasil um país leitor, os mediadores precisam estar/ocupar outros espaços também?**

**Beto:** Vivemos em um país em que não somos leitores e estamos tentando cada vez mais nos relacionar com a narrativa literária, um texto literário, com livro literário, com o livro, para não focar só na questão da literatura. Quando a gente tem uma perspectiva aqui na formação leitora do nosso país, a presença da educação é muito forte. Então a escola, além de promover a formação educacional, tem um papel para além disso porque em muitos lugares é o espaço do lazer, do esporte, da cultura. Então é preciso rastrear a interface com outros

campos e pela ausência de políticas públicas de fomento de garantias a situações que a gente poderia olhar para o nosso país de uma forma diferente. A gente tem um peso quando olha que em muitos lugares as pessoas só tiveram acesso ao livro pela escola e, na maioria das vezes, as práticas de leitura que vivenciaram foram por meio dos educadores. A escola tem um papel muito importante que é de levar a partir dos seus componentes curriculares a que os estudantes possam chegar cada vez mais longe e construir competências e habilidades por meio dos objetos de conhecimento, que estão em cada disciplina. Quando você olha a leitura passada pelo profissional que não tem uma formação leitora, ela ainda tem uma perspectiva muito tecnicista. A formação das pessoas que atuam com leitura no campo da educação é técnica. Ela não passa por uma perspectiva do repertório mais íntimo e mais sensível. Então essa é uma situação: a gente está falando de formação de leitores, mas não estamos falando de formação de professores leitores. A gente ainda está falando de formação de professores para formar leitores que só tem técnica e não tem sensibilidade para colocar outras perspectivas nessa situação.

A escola não pode ficar nesse lugar sendo a única responsável pela formação de leitores. Na nossa Constituição já está previsto que a educação de uma pessoa passa não só pela escola, mas pelo Estado e pela sociedade. Só que a gente tem pouquíssimos representantes que têm clareza do papel educacional e da formação de uma pessoa. A gente tem algumas coisas que talvez deixem bem claro esse sentimento isolado e tão pouco participativo e colaborativo. Por exemplo, quando a gente diz que em briga de marido e mulher ninguém mete, estamos olhando uma situação de violência. Eu posso hoje me isentar, mas amanhã eu posso ser quem agride eu quem está sendo agredido e aí não vou ter uma rede de proteção de pessoas que poderiam cuidar da situação.

Acho que quando falamos da leitura é uma situação na mesma perspectiva. Se a gente não pensa a escola dentro do seu papel, então tudo bem ela trabalhar nessa perspectiva mais pedagógica, que a leitura não é fim é meio. Mas ela também pode trabalhar na leitura como fim. Afinal, se é papel dela que todos os conteúdos estejam para a vida, se ela só trabalha na perspectiva formal e pedagógica, os estudantes ao saírem da escola não serão leitores. Porque o

trabalho de leitura está sempre centrado em uma atividade, como meio e não como fim. Se eu sair da escola não tem ninguém que está preocupado com as atividades que foram pensadas pós leituras então uma pessoa entende que a sua trajetória enquanto o leitor pode findar à medida que ele termina um projeto uma trajetória educacional.

Por isso a gente tem uma questão muito séria no nosso país que desde pequenos a gente lida com a leitura em uma perspectiva de muita tolerância. Quando o professor pergunta 'Vamos ler um livro?' Os estudantes logo questionam: 'quantas páginas?'. 'Vamos escrever uma redação?', e a resposta: 'com quantas linhas?'. E isso vai permanecendo ao longo da sua trajetória, por isso é comum ver pessoas em livrarias e bibliotecas olhando livros e a primeira coisa que se coloca em jogo é a quantidade de páginas. Então se é o livro mais curto, livro menor eu consigo ler. Se é um nível muito grande com muitas páginas não consigo.

Isso tem a ver com o nosso processo de formação na escola. Porque os livros para as crianças sempre têm uma predominância maior de imagem e menor de escrita e na medida que os estudantes vão crescendo, aumenta a quantidade de texto e diminuem as imagens? É algo que a gente precisa discutir, além de pensar que os livros não estão centrados em faixas etárias. Isso é uma perspectiva mercadológica. Temos de pensar que o livro infantil foi feito para a infância. Ele fala com a criança porque ela está vivendo a infância. Ele fala com o jovem porque ele já passou pela infância e fala com adulto que também já foi criança. O mesmo ocorre com os livros infantojuvenis ou juvenis, embora eu não goste desses termos porque também são mercadológicos: a criança terá sua juventude, os jovens estão nela e os adultos já tiveram. Então os conteúdos têm de ser pensados dessa forma, é claro respeitando o ritmo de cada pessoa. Mas livro para criança é só para criança e livro para jovem é só para jovem não é esse o lugar. Os livros são para as pessoas e cada um vai consumindo de acordo com sua fome.

**Renata: Qual o papel do mediador de leitura na formação dos leitores?**

**Beto:** O papel do mediador de leitura dentro dessa tríade da situação de mediação é garantir o acesso ao livro literário, garantir a existência da prática da leitura que no nosso caso é a mediação de leitura e permitir cada vez mais que a cultura da escrita seja valorizada, seja apreciada como uma tecnologia extremamente importante que eterniza histórias. Se a gente fosse um povo que entendesse claramente a questão da escrita a gente não partiria da ideia de que muitas histórias que ainda estavam na oralidade pudessem se perder. Então acho que faz muito sentido dizer que o lugar da escrita é muito importante e muito estratégico. A escrita tem as suas regras assim a oralidade tem as suas, mas no trabalho de mediação é fortalecer que as pessoas percebam que na presença de qualquer pessoa ainda história vai estar lá e a história vai estar dentro do objeto livro. Então o mediador tem esses três grandes objetivos: garantia do acesso da prática da leitura por meio da mediação de leitura e da cultura escrita.

**Renata: Em um país como o nosso, que ainda precisa consolidar a leitura como parte da vida da maioria dos brasileiros, o que você como mediador diz para quem quer contribuir para essa consolidação, seja produzindo livros, fazendo-os chegar às mãos dos leitores e, principalmente, emprestando a voz para que os livros nos contem suas histórias?**

**Beto:** Quando a gente olha para a formação de leitores são muitas as experiências que a pessoa precisa ter para se tornar leitor. E aí quando eu digo práticas quanto mais diversas e diversificadas elas são melhores porque são outras experiências que você vai acumulando. Eu sempre digo para professores, contadores de histórias que primeiro quando a gente está falando do trabalho de leitura, precisamos ter clara a nossa intencionalidade. Eu sei que a intencionalidade parece ser óbvia quando a gente está falando de garantir que a pessoa tenha acesso a essa história.

Só que existem muitas formas de fazer: então na medida que o narrador conta a história, faz a transmissão oral do texto, ele está garantido isso quando o narrador que tem uma técnica de trazer o texto tal como ele é, mas sem a presença do objeto origem de onde as suas palavras são trazidas [o livro] ele



também está permitindo uma outra relação. O mediador de leitura está na perspectiva de trazer o texto mostrando de onde ele vem. Então se o meu objetivo é que as pessoas possam se sentir cada vez mais mobilizadas pela história, muitas são as situações. Pode ter prática de leitura com artes cênicas, com artes visuais. Enfim pode haver aí multiusos em relação ao trabalho de leitura.

Agora quando no final eu quero que a pessoa seja leitora, ou seja, que ela entenda a função social do livro, saiba onde é que está a história independentemente da intervenção da interlocução de uma pessoa, então preciso privilegiar que elas possam ter acesso ao livro, acesso à narrativa, à escrita. Que ela saiba onde é essa morada da história literária.

Não é uma questão de ter mais ou menos peso em cada situação. O que dita o peso é o objetivo. Se seu objetivo está claro, você sabe o que fazer. Se não está claro, é bom diversificar. Mas é importante não perder a clareza sobre essa morada das histórias, principalmente para os professores, que muitas vezes se sentem mais confortáveis fazendo a contação de histórias, por terem recursos e traquejo. Mas não estamos pensando na competência do professor, no que ele consegue fazer melhor e sim na construção da competência do outro. E ao desenvolver essa competência leitora, não necessariamente o outro vai desenvolver uma familiaridade com o livro a partir do jeito que cada um tem de contar histórias. Por isso é importante a diversificação. É óbvio que eu sempre vou pesar para mediação de leitura. Tem muitos contadores de histórias que dizem que eu tenho os textos tão formados que eu posso fechar o livro e dizer a história. Posso sim, mas vou sempre diversificando o acervo e sempre lendo novos livros, para que eu não perca essa necessidade de resgatar o texto do livro e transmitir oralmente olhando para as pessoas. Para mim, o importante é esse movimento. É como as crianças dizem: 'a história da boca do Beto nasce de dentro do livro'. E elas só entendem que nasce de dentro do livro porque sabem que algum momento eu olho para dentro do livro antes de falar com elas.

## **Denise Guilherme**

Mestre em Educação pela PUC-SP. Idealizadora da A Taba ([www.ataba.com.br](http://www.ataba.com.br)), empresa especializada em curadoria de livros infantis e juvenis com foco na formação de leitores. Professora no curso de Pós-graduação Literatura para crianças e jovens, do Instituto Vera Cruz. Atuou como consultora especialista em formação de leitores e projetos de leitura para o Ministério da Educação, Grupo Somos, Editora Moderna, Fundação Itaú Social, Instituto Natura, Nova Escola entre outros. Foi selecionadora dos trabalhos da área de Língua Portuguesa do Prêmio Professor Nota 10. Formadora do Programa Ler e Escrever na Secretaria Estadual de São Paulo. Foi coordenadora da Equipe de Formação em Língua Portuguesa do Centro de Formação de Professores de São Caetano do Sul e professora do Ensino Fundamental I durante 12 anos. Lecionou também no Programa Especial de Formação Superior da FITO-Osasco. Integrou o grupo de pesquisa em História do Livro e da Leitura da PUC no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade.

**Renata: Na minha pesquisa estou investigando a figura do mediador para seus leitores assim como Sherazade para o sultão, que com suas histórias salvou a própria vida e a das mulheres que viriam depois. Você acredita que os mediadores ocupam esse espaço de "seduzir" leitores? A partir do encantamento do mediador os leitores poderiam se encantar também?**

**Denise:** Pensando na história da Sherazade tem um ponto importante que é o fato de ela saber a história de Sultão. Ela não foi para lá sem aviso, já sabia que as pessoas que iam para lá morriam. Ela foi porque já tinha um plano. No fim das contas o que eu acho que ela faz é compartilhar o mundo dela com ele, porque o mundo dela era esse, o das histórias. E o Sultão à medida que ela foi contando as histórias, talvez ele tenha ressignificado a história dele nesse encontro. Porque para eu medir a encontro. Então ela foi aberta a encontrar esse homem magoado e ferido e, ainda assim, com todas as condições ela resolveu se dar de presente, porque o que ela tinha para dar a ele eram suas histórias. Então, pensando na comparação com a mediação, eu acredito que tenha relação sim entre a Sherazade e os mediadores de leitura. Tem aquela frase da Yolanda Reyes que ela diz que o professor se coloca em risco e para mim serve também para os mediadores. Ela corria o risco, ele podia não gostar da história e a ter matado, não dando certo o plano dela. Como mediadora e se eu levar esse livro

e ninguém gostar? Então o mediador vai no risco e na incerteza também. O que ele tem para oferecer é sua voz que conta a palavra do outro, que é diferente do contador de histórias.

Eu não sei nem se a figura dela é sedutora. Talvez essa leitura dela como sedutora seja nossa visão adulta, ocidental. Embora na tradição oriental tenha as histórias do Kama Sutra e a própria versão original das Mil e Uma Noites tem muitas histórias que não entraram nas traduções ocidentais que tinham uma pegada mais erótica.

Eu acho que talvez ela tenha ganhado ele aí, nessa abertura de correr esse risco de entregar aquilo que ela tinha e que ela achava que podia estabelecer talvez uma conversa com ele. Não sei se ele estava muito aberto a conversar, né? Dentro da tradição oriental tem as histórias que emendam uma na outra, uma história dentro da outra e aí ela vai mantendo-o ali dentro da do universo que ela criou. Que é o desafio do mediador: manter o leitor dentro daquele universo que ele está compartilhando e de querer mais e mais histórias.

Quando a gente faz as rodas de leitura lá na Taba que a gente está entregando para as crianças é o nosso tempo, a nossa presença para compartilhar uma coisa que a gente gosta. Aí é difícil você não se envolver com isso. É lógico que falando de história que é a nossa praia, mas eu acho que qualquer conteúdo que tem a ver com a arte com que o humano provoca essa identificação, essa vontade de estar junto e querer ouvir mais.

**Renata: Você falou que a mediação de leitura para você é um encontro. Ele é único, não se repete? Mesmo sendo o mesmo leitor e o mesmo livro?**

**Denise:** É um encontro único, porque nunca vai ser o mesmo leitor e o mesmo livro. Vou dar um exemplo: li o Tudo é Rio da Carla Madeira, é daqueles que você não consegue parar. Em um dado momento há uma carta no livro que encontrei relação com um momento que estávamos vivendo em família, por questões de saúde. Depois de um tempo eu reli a carta e eu já era outra. O texto é o mesmo, mas eu já não sou mais a mesma leitora daquele primeiro contato.

Por isso que cada encontro na mediação é único. O livro pode ser o mesmo, mas a leitura nunca será a mesma.

**Renata: O que não é mediação de leitura para você?**

**Denise:** Para mim, o que não é mediação é o monólogo. Para mim a mediação de leitura não é checar se o outro leu o que eu li, viu o que eu vi. Sempre que a mediação entra nesse lugar de checar ou validar uma ideia aí já perdeu o propósito, vira um monólogo. Acontece muito isso e até às vezes não fala. Quando quem está ouvindo a leitura diz algo e o mediador fala 'Ah! É verdade', 'É isso mesmo', 'Está certo'... É verdade, por quê? Então eu já tenho a minha hipótese e só estou checando se você vai chegar aonde eu cheguei.

Eu tenho que sair da mediação maior do que eu entrei. Se eu entrar numa mediação e sair do mesmo jeito foi um encontro comigo mesma. Mediei uma roda do livro Obrigado com o André Neves e uma pessoa falou que a capa para ela era um suicídio. Na hora eu fiquei até meio desconcertada e tentando enxergar isso que ela tinha visto, porque eu não tinha feito a leitura da capa dessa forma. E nunca mais olhei para o livro do mesmo jeito. Outro exemplo foi a roda do Casamento de Passarinho, em que uma professora destacou que as letras lembravam a caligrafia dos convites de casamento. Depois que ela disse pareceu óbvio, mas eu não tinha visto dessa forma antes.

Eu acho que a mediação de leitura é esse encontro, palavra que para mim pressupõe o contato com o que é diferente, mesmo que seja comigo mesma, é com aspectos meus que ainda não conheci. Aí é você estar aberto a escutar o outro e assim ver o que você não viu.

Muitas vezes a escola fala que está fazendo mediação, mas não está. O mediador também. Se preparam e vão ao encontro do outro só para ver se viram o mesmo. Aí não é mediação, para mim.

**Renata: E a curadoria é uma forma de mediação também?**

**Denise:** A curadoria tem muitos critérios e depende muito da pessoa, do repertório que ela tem, para quem será feita a leitura. O que eu tenho? O que eu vou escolher? Para quem estou escolhendo? O que eu quero com isso? São perguntas que a gente tem que fazer na hora de escolher um livro. Tudo isso são decisões que nós como mediadores tomamos na hora de escolher o livro. E a mediação começa aí.

Também tem uma outra questão que a mediação pressupõe uma abertura genuína para o outro. Num lugar muito horizontal. Se o mediador chega no lugar de quem sabe muito sobre o livro, aí já está em outro lugar da leitura, de hierarquizar. Então quando você vai fazer escolha do livro se perguntar como eu vejo esse outro leitor? Então quando a gente pensa na escolha do livro também é preciso pensar na representação de infância, até onde ela está livre de preconceitos, estereótipos e ideias preconcebidas. Esse não, porque acho que ele não vai conseguir, acho que vai ser difícil. Até onde estamos dispostos a estar em risco nessa mediação. Geralmente a mediação não acontece da forma como idealizamos e precisamos estar abertos e flexíveis aos imprevistos. Você escolhe o livro que acha muito legal e de repente não rola. E aí? Você insiste? Tem outras cartas na manga?

**Renata: Além de estar aberto aos encontros genuínos e os riscos e incertezas, de que mais o mediador precisa para incorporar ao seu percurso?**

**Denise:** A Cecilia Bajour fala da escuta, de ouvir nas entrelinhas. Aí temos o que está nas entrelinhas do texto e nas entrelinhas do leitor também. Você vai levantando hipóteses: eu acho que não está me respondendo porque está com vergonha; não está vendo que eu vejo; e se eu perguntasse de uma outra maneira? Isso é sobre o risco e a incerteza que a Yolanda Reyes fala. Então é encontro, risco, incerteza e escuta. Esse conjunto compõe uma mediação de leitura, para mim.

**Renata: O Beto Silva traz outro elemento que é emprestar a voz para o livro falar...**

**Denise:** Eu acho muito bonito isso que o Beto traz da palavra do livro e da palavra da boca. Tem uma coisa no livro que é diferente da linguagem oral, que é a estabilidade. No livro a palavra é sempre a mesma. A história oral eu nunca vou contar igual. Tem um texto da Delia Lerner que fala que o professor é um ator no lugar de leitor. Eu acho que cabe também para o mediador. O professor lê e está atuando como um leitor, para mostrar como se faz. Ele comenta o livro, usa comportamentos leitores que ele quer que seus alunos incorporem. Então o mediador também tem esse papel. Com relação a emprestar a voz, às vezes as pessoas têm impressão de que a gente empresta a voz porque as crianças ainda conseguem ler sozinhas. Acho que não é só isso. Eu acho que a gente empresta a voz para também da vida para aquele livro porque é diferente a leitura de um livro em voz alta e a leitura silenciosa. Então é para trazer vida para aquelas palavras que estão ali. E não é só a voz, é o corpo todo. Agora com as rodas de leitura online eu coloco em visão da galeria para ver a reação de todos que estão com a câmera aberta. E assim trazer as pessoas para dentro da conversa, ver quem riu e comentar, quem está com cara de dúvida... outro ponto é a leitura em voz alta em si. Quando eu leio um texto é a minha assinatura, meu jeito. Para ler com ritmo, prosódia e entonação é preciso treino.

Você pode me dar um livro que eu nunca li e eu vou ler com entonação porque já estou acostumada. Esse ritmo e entonação parece um aspecto menor quando se fala em mediação, porque a gente fica muito mais preocupada com as perguntas e a conversa. Esquecemos que a mediação já pressupõe essa leitura, que palavras serão destacadas, quais as pausas, o ritmo que você vai dar. A leitura do texto é uma interpretação. Cada mediador fará isso de uma forma. E geralmente é uma parte que se fala pouco quando se fala de mediação. O quanto a forma como a gente lê também é uma forma de mediar a leitura e tem um impacto na forma como os leitores receberão essa partilha. Esse jeito de lermos ajuda a entender o texto. É uma camada a mais de interpretação e uma possibilidade a mais de encontro com o texto que é única, de cada mediador.

**Renata: Uma pergunta que é comum é qual o jeito certo de fazer uma mediação. Existe um jeito certo?**

**Denise:** Existe o jeito de cada um. Não tem receita de bolo, um passo a passo para a mediação. É como a assinatura, cada um tem a sua. Eu tenho um jeito mais brincalhão, que tem a ver com a minha personalidade. Tem pessoas que têm uma postura muito acolhedora. Precisamos trabalhar o interesse genuíno da escuta. Isso não se ensina, aprende-se na experiência e na autocrítica.

**Renata: ‘Ler para’ alguém é diferente de ‘ler com’ alguém?**

**Denise:** É como cozinhar. Fazer comida para você é uma coisa, fazer comida com você é outra, completamente diferente. Eu te chamo para ser corresponsável comigo pelas pelo resultado dessa comida. Se eu cozinho para você, depende só de mim e estou fazendo isso porque você não tem tempo, não consegue ou não quer fazer. Eu penso sempre no ler com porque o ler para é eu sei fazer e vou fazer para você porque você não sabe. ‘Ler para’ é ter uma leitura pronta e quero ver se você consegue chegar aonde cheguei. O ler com é vamos fazer junto? Eu tenho uma leitura e quero descobrir qual é a sua. É a leitura compartilhada e compartilhar significa partilhar junto. Eu te dou algo e você me dá algo. Parte do pressuposto de que eu vou para mediação te dar minha leitura do livro, mas eu quero a sua também e talvez a gente saia daqui uma terceira ou talvez eu abandone a minha saia com a sua.

**Renata: A figura do mediador está muito ligada aos educadores, a sala de aula. Para tornar o Brasil um país leitor, os mediadores precisam estar e ocupar outros espaços também?**

**Denise:** Eu não acho que eles já estejam nas escolas, inclusive. Nas escolas temos muitos leitores, mas não muitos mediadores de leitura. A gente tem professores que leem em voz alta com as crianças, isso é só um pedacinho da mediação, que é escolher o livro e ler e fica faltando a conversa, que é importante. É preciso criar políticas públicas que propiciem a mediação também com adultos. Fica parecendo que quem precisa conversar sobre livros são só as

crianças. Depois de adulto você ganha um crachá de capacidade de todas as interpretações definitivas e não é nada disso. Essa é a ideia dos clubes de leitura para adultos e crianças. Além de ler, é preciso aprender a conversar, como nos diz Yolanda Reyes.

Nós temos política pública de distribuição de livros, mas não de formação de leitores. Porque ter os livros é só o primeiro passo. É preciso fomentar políticas públicas de promoção do encontro entre os livros e os leitores. E nesse encontro o mediador de leitura é figura chave. Numa livraria, biblioteca, hospital, na casa de alguém... todos esses lugares podem promover o encontro dos livros e dos leitores. Um dos projetos que trabalhei era criar uma caixa de livros e fazia leituras na fila do banco, na farmácia, no posto de saúde, na casa lotérica. A caixa ficava cada semana em um lugar e depois os livros iam para a biblioteca municipal.

Estamos hoje num momento em que as pessoas ainda não sabem o que é viver a experiência de estar em contato com os livros, como estamos agora, em uma livraria como estamos agora. Geralmente as pessoas vão à livraria de shoppings ou no aeroporto, que são outras experiências.

Quando eu idealizei A Taba tinha uma frase que era 'não é nem o livro nem o leitor. É a leitura'. Então temos hoje as políticas públicas de acesso aos livros, mas política pública de formação de leitores é outra coisa. E não está somente na escola. Por exemplo, se a empresa tiver uma biblioteca literária ou um clube de leitura entre os funcionários recebe uma isenção de impostos.



## Referências

### Livros

[não tem ficha catalográfica] **Contos das 1001 noites**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

anônimo. JAROUCHE, Mamede Mustafa [introdução, notas, apêndice, e tradução do árabe] **Livro das mil e uma noites, volume 1: ramo sírio**. São Paulo: Globo, 2006.

anônimo. JAROUCHE, Mamede Mustafa [introdução, notas, apêndice, e tradução do árabe] **Livro das mil e uma noites, volume 2: ramo sírio**. São Paulo: Globo, 2006.

anônimo. JAROUCHE, Mamede Mustafa [introdução, notas, apêndice, e tradução do árabe] **Livro das mil e uma noites, volume 3: ramo egípcio**. São Paulo: Globo, 2006.

anônimo. JAROUCHE, Mamede Mustafa [introdução, notas, apêndice, e tradução do árabe] **Livro das mil e uma noites, volume IV: ramo egípcio + Aladin & Ali Babá**. São Paulo: Globo, 2006.

ARNICA, Esterl. DUGINA, Olga. **As mais belas histórias das mil e uma noites**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ASSIS, Machado. **O Espelho**. Rio de Janeiro: Editora Itapuca, 2020. [Texto revisado da obra original publicada em 8 de setembro de 1882 na Gazeta de Notícias]

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas – o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARBIERI, Stela. VILELA, Fernando. **Simbá, o marujo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

DANTAS, Goimar. **A arte de criar leitores: reflexões e dicas para uma mediação eficaz**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.

GALLAND, Antoine. **As mil e uma noites – volume 1**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

GALLAND, Antoine. **As mil e uma noites – volume 2**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

GULLAR, Ferreira. **As mil e uma noites: contos árabes**. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

GUDULE. REZNIKOV, Patrícia. **Contos e lendas das mil e uma noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KERVEN, Rosalind. MISTRY, Nilesh. **Aladim e outros contos de As mil e uma noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LADEIRA, Julieta de Godoy. **As mil e uma noites**. São Paulo: Scipione, 1997.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global Editora, 2010.

REYES, Yolanda. **A substância oculta dos contos: As vozes e narrativas que nos constituem**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2021.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

### **Podcast**

RUBIRA, Fabiana. JAROUCHE, Mamede. GODOY, Thais de. Podcast Estado da Arte – Episódio As Mil e Uma Noites. Jornal Estado de São Paulo, 2019.

Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/2soRZEpGSDXw2wSAyLFzV9?si=hMLagLsOSk6CRt22BDX2rQ>